

Quem cuidará das crianças?¹

Éric Laurent

A Declaração² que acabamos de assinar, após as manifestações hostis ao projeto de lei pelo "casamento para todos" e pela modificação dos padrões da filiação vindoura, menciona que: "cabe a todo ser falante encontrar as vias de seu desejo, que são para cada um particulares, tortuosas e marcadas pela contingência e pelos desencontros". Ela admite a torção geral do que consiste a comunicação no animal falante.

As leituras da experiência psicanalítica e do ensino de Lacan, propostas como garantia de um "invariante antropológico" são, no entanto, particularmente distorcidas. Elas revelam, simplesmente, uma leitura às avessas, uma sujeição com fins conservadores de toda a proposição, por Lacan, dos "Nomes-do-Pai", no plural. De saída, Lacan visa uma extensão do domínio do Nome-do-Pai no contexto das famílias divorciadas dos anos 30. Como ele!

O divórcio e o Édipo

É aberrante constatar que aquele que desde 1938, antes da restauração de Pétain, em seus "Complexos familiares...", no plural, apreciava de maneira crítica a abordagem freudiana do "complexo de Édipo", se encontre metido nisso, como garantia de uma ordem imutável. Aquele que advogou pela complexidade das famílias, divorciadas e recompostas, observando que elas eram "formadoras da razão", seja convocado como garantia de uma forma única de representação da diferença sexual.

O desejo e as famílias recompostas

Lacan não era "daqueles que se afligem com um pretense afrouxamento do laço familiar". Ele ressaltava, principalmente, que o dito "afrouxamento" é, de fato, uma complexificação do laço, em função da integração "dos mais altos progressos culturais", compreendida aí a igualdade dos direitos entre homem e mulher. O desenvolvimento de sua obra faria da mulher um outro "Nome-do-Pai", afirmando uma igualdade para além da diferença sexual. Desenvolverei esse ponto em outras crônicas, mas, por ora, basta ressaltar essa igualdade complexa.

Enfim, ele remetia o nascimento da psicanálise ao contexto do "declínio social da imago paterna". Isto não legitimava nenhuma perspectiva de "restauração", mas, pelo contrário, a consideração do verdadeiro lugar do pai. No dispositivo freudiano, relido em relação a isso, o "pai" não é uma garantia antropológica, ele vem encarnar o caráter transgressivo do desejo singular contra os imperativos morais comumente admitidos, que pretendem definir a maneira de viver a pulsão. Se for aceito, o pai separa, com seu desejo, a mãe de sua relação exclusiva com o filho. Ele encarna a pluralidade de gozos.

Lacan fundava assim, na razão freudiana, o destino dos pais divorciados, que rompiam pioneiramente, naqueles anos, com a ordem moral. O divórcio tinha realmente restaurado, na instituição jurídica, o primado da escolha do casal sobre a ordem familiar e da filiação. É o que, em inglês, aparece claramente na oposição entre *marriage* e *kinship*.

Cuidar dos objetos (a)!

Trinta anos mais tarde, após 1968, em sua "Nota sobre a criança"³, Lacan precisava, seguindo a mesma linha, que o pai dá nome a uma "encarnação da Lei no desejo". Aqueles que nos aborrecem com "o invariante antropológico" leem esta expressão ao avesso. Fazem dela uma "sublimação do desejo na Lei", supostamente natural, na medida certa. Dito

de outro modo, eles leem a função do pai como uma normalização do desejo. A mãe seria a pulsão, o pai a Lei. Esta leitura é absurda. O desvio, a diferença de que se trata é que o "Nome-do-Pai", função da qual uma mulher pode ser portadora, inventa uma maneira de cuidar das crianças da mãe, seus "objetos (a)", para inscrevê-los na lei comum, imanente. O que era datado em 1968 deve agora se atualizar com os casais LGBT.

Os debates vindouros

Nossa Declaração marca um começo. Após a votação da lei sobre o "casamento para todos" e até o exame desse efeito da Lei sobre a família, numerosos debates vão atravessar a sociedade francesa. A querela sobre o pai vai se desenvolver. Será a ocasião de precisar nossa posição. De que pai ela é a encarnação? De um invariante monótono, ou do nome de uma invenção da maneira que uma época vive a contingência da relação entre os sexos?

Tradução: Ana Paula Sartori Lorenzi.

¹ Texto extraído de *Lacan Quotidien*, nº 270. Disponível em: <<http://www.lacanquotidien.fr/blog/category/lq-lacanquotidien/>>.

² O autor refere-se à declaração assinada por centenas de psicanalistas e intitulada "Casamento para todos: Contra a instrumentalização da psicanálise" em que se repudia o uso equivocado da psicanálise para sustentar argumentos contrários ao casamento homossexual durante o debate sobre a questão na França.

³ LACAN, J. (2003[1969]). "Nota sobre a criança". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 369.